

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL**

MARIA LECIR LOPES TEIXEIRA

**A PSICOTERAPIA RELACIONAL NUMA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

**BELO HORIZONTE – MG
2019**

MARIA LECIR LOPES TEIXEIRA

A PSICOTERAPIA RELACIONAL NUMA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Professora Especialista Saleth Salles Horta
Psicóloga Clínica

Belo Horizonte – MG
2019

MARIA LECIR LOPES TEIXEIRA

A PSICOTERAPIA RELACIONAL NUMA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Belo Horizonte, em 25 de maio de 2019.
Esp. Saleth Salles Horta
Banca: Telma Fulgêncio Colares da Cunha

PROFESSORA ESPECIALISTA SALETH SALLES HORTA
ORIENTADORA

BELO HORIZONTE – MG
2019

150
T266p
2019

Teixeira, Maria Lecir Lopes.

A psicoterapia relacional numa perspectiva fenomenológico-existencial [manuscrito] / Maria Lecir Lopes Teixeira. - 2019.

39 f.

Orientadora: Saleth Salles Horta.

Coorientadora: Telma Fulgêncio Colares da Cunha.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Psicologia. 2.Psicoterapia. 3.Terapeuta e paciente. I. Horta, Saleth Salles. II. Cunha, Telma Fulgêncio Colares da.

1. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. IV. Título.

Dedico a Deus pela oportunidade a mim concedida para a realização de mais um projeto sonhado, como também às minhas filhas muito amadas: Flávia, Cleidelis e Francielle.

Agradeço a Deus, à minha terapeuta, à minha orientadora de estudos, às minhas filhas, aos professores, aos meus amigos e colegas de luta que direta ou indiretamente me estimularam, apoiaram e me ajudaram. Agradeço à minha mãe que da sua maneira, apreendida, fez com que eu buscasse sempre o desafio como forma de aprendizado.

RESUMO

A Psicologia clínica associa-se à ideia de doença devido à sua origem e à orientação na Psicopatologia, podendo-se compreender e se justificar o vínculo da linguagem no psicólogo. Percebe-se, a partir daí, uma reflexão contínua da Psicoterapia Fenomenológico-Existencial, ao buscar um embasamento exterior ao psicanalítico, propondo-se a refletir e a compreender a maneira do ser em sua existência e em seus relacionamentos. Desta maneira, a fenomenologia é um movimento filosófico que se estruturou no início do século XX, sendo considerada a ciência que convida aos estudos dos fenômenos que surgem no humano, possuindo, assim, um extenso domínio. Neste contexto, este trabalho de pesquisa direciona-se a uma Psicoterapia relacional numa perspectiva fenomenológico-existencial, fundamentando-se em uma pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo a busca dos estudos e das reflexões sobre os pré-requisitos procedimentais, epistemológicos e científicos necessários para o profissional. A pesquisa se divide em três capítulos: primeiro objetiva-se esclarecer o diferencial da Psicoterapia Fenomenológico-Existencial enquanto filosofia no Existencialismo e enquanto método da fenomenologia. Em seguida, abordam-se questões sobre o diferencial da psicologia fenomenológica e, finalmente, este trabalho discorre a respeito das habilidades necessárias ao psicólogo em sua prática clínica perante aquele sujeito que, por se encontrar perdido e em sofrimento, busca por um profissional. Verifica-se, por intermédio das ponderações dos autores, que, além do diferencial fenomenológico e das diferentes habilidades terapêuticas, o psicoterapeuta na abordagem fenomenológica precisa acolher com disponibilidade, com presença, com empatia e oferecer-se a um encontro genuíno. Enfim, observa-se que este profissional é um sujeito passível de confrontar-se com suas questões em aberto e que reluta para que elas não o afetem no acolhimento amoroso com o cliente.

Palavras-chave: Psicoterapia. Fenomenologia. Habilidades. Existencial. Psicoterapeuta.

ABSTRACT

Clinical Psychology is associated to the idea of illness due to its origin and orientation in Psychopathology in order to better understand and justify the link between the psychologist and their language. A continuous consideration of Phenomenological-Existential Psychotherapy can be observed from this point of view by seeking an external basis to the psychoanalytic as the reflection and understanding of the human being in their existence and in their relationships take place. This way, phenomenology is a philosophical movement that was structured in the early twentieth century, being considered the science that invites the studies of the phenomena that arise in the individual; therefore, possessing an extensive field. In this context, this research is directed to Relational Psychotherapy from a phenomenological-existential perspective based on bibliographical research and whose main aim is a study and reflection on the procedural, epistemological and scientific prerequisites necessary for the professional. The research is divided into three chapters: firstly, it aims to clarify the differential of Phenomenological-Existential Psychotherapy as a philosophy in Existentialism and as a method of Phenomenology. It then discusses questions about the distinction of phenomenological psychology. Finally, it describes the skills needed by the psychologist in their clinical practice when facing the confused and tormented individual who seeks professional help. It is subsequently supported by different authors' views that besides the phenomenological differential and the distinctive therapeutic abilities, the psychotherapist in the phenomenological approach needs to welcome the patient with readiness, presence and empathy besides providing the patient with the opportunity of a genuine encounter. Last but not least, it has been observed that this professional is an individual that may confront themselves with their own personal questions; however, avoids letting the welcoming of their patient affected.

Keyword: Psychotherapy. Phenomenology. Skills. Existential. Psychotherapist.

SUMÁRIO

1. A PSICOTERAPIA RELACIONAL NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	10
1.1 Fundamentos da Psicoterapia Fenomenológico-Existencial	10
1.1.1 Existencialismo.....	10
1.1.2 Fenomenologia.....	13
2. O DIFERENCIAL DO TERAPEUTA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	18
3. AS HABILIDADES DO PROFISSIONAL TERAPEUTA	26
4. CONCLUSÃO	35
5. REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Para o início do trabalho, pretende-se pesquisar sobre os pré-requisitos indispensáveis ao profissional do terapeuta clínico na perspectiva fenomenológico-existencial. O que este profissional precisa estar ciente diante do seu desafio, do percurso de um profissional da saúde que estará junto e com um outro ser? Quero acreditar que ninguém sabe tudo ou está apto a tudo, mas algumas questões tornam-se necessárias para todo início.

O trabalho do profissional na área de Psicologia é essencial para o ser que busca encontrar no outro a sua presença e acolhimento diante do conflito existencial. Tanto o que busca quanto aquele que acolhe são seres com características únicas e experiências vividas singulares. Logo, este trabalho tem por objetivo, por meio da pesquisa bibliográfica, refletir e estudar os pré-requisitos necessários a um psicoterapeuta fenomenológico-existencial. Enquanto acadêmico, o profissional passa por diferentes conceitos na psicologia sem aprofundamentos específicos, o que deixa possíveis dúvidas nas escolhas como futuro profissional.

Diante dos indicadores, esta pesquisa pretende verificar o que existe na literatura que possa fundamentar a psicologia relacional numa perspectiva fenomenológico-existencial. Existem características relacionais específicas para um Psicólogo para exercer o método fenomenológico e a filosofia existencial? Neste contexto, torna-se indispensável levantar relatos, questões, opiniões e reflexões na literatura referente à fenomenologia que possa esclarecer qual o diferencial para o terapeuta fenomenológico existencial intervir com presença ao cliente, respeitando-o com ética e com disponibilidade, numa postura de encontro.

O momento atual passa por várias mudanças em diferentes instâncias: na tecnologia, no humano, no social, no cultural e nas tantas outras em que o personagem principal desta época encontra-se em conflito e diante de tantas mudanças rápidas, sem conseguir acompanhá-las. Termina por se perceber perdido e angustiado. Na presença dos fatos, o psicoterapeuta necessita de aptidão para estar nesta relação com o outro ajudando-o a se encontrar em suas diferentes possibilidades de abertura para o novo do seu existir, estar no mundo e com o mundo. O terapeuta tem como função tornar esse homem livre, libertá-lo das paixões que o atraem e fazem dele um homem sem autoridade.

Considerando-se a importância dos aspectos abordados para os profissionais da Psicologia, para os seres na sociedade e, principalmente, para a comunidade científica, apresenta-se um breve estudo direcionado aos pré-requisitos procedimentais e científicos necessários para uma psicoterapia relacional numa perspectiva fenomenológico-existencial. Objetivando sustentar a pesquisa, será feita a triagem de alguns textos referentes ao assunto, como também, consultada a bibliografia deles enfatizando-se a relevância de se aproximar ao literato original. Foi possível, assim, neste estudo, consultar o referencial bibliográfico de alguns dos autores na abordagem como: Bucher (1989), Hycner (1995), Giovanetti (2017), Horta (2018), Canello (1991), May (1993), Erthal (1995), Augras (1996), Buber (2009), Porchat & Barros (2006), Feijoo (2010), Capalbo (1987), Abbagnano (2006), Leloup (2003), Forghieri (2009), Dartigues (2005) e Sartre (2014).

Este trabalho de pesquisa estrutura-se em três capítulos essenciais. O primeiro com abrangência para uma fundamentação relevante e diferencial da Psicoterapia Fenomenológico-Existencial na filosofia do existencialismo e enquanto um método da fenomenologia. Enquanto filosofia o homem possui uma natureza humana, existe, encontra-se e manifesta-se no mundo definindo-se. Do ponto de vista da fenomenologia, há um olhar reflexivo para este humano; esclarece-se, assim, as condições vivenciadas para o revelar-se original.

No segundo capítulo, serão abordadas questões a respeito do diferencial da psicologia fenomenológica utilizando de sua descrição com assertividade, buscando, então, compreender o fenômeno humano em seu tempo e com o sentido que lhe é dado. Quanto ao terceiro capítulo, o *corpus* ressaltará as intervenções genuínas, acolhedoras do psicoterapeuta enquanto revisita num encontro único e com sua presença o sujeito que sofre e que traz para cada momento terapêutico o que lhe é de mais precioso, o seu vivido.

Em suma, a pesquisa remeteu-me ao importantíssimo trabalho da psicoterapia relacional na perspectiva fenomenológico-existencial e teve como objetivo levantar alguns dos pré-requisitos procedimentais e científicos para o trabalho do psicólogo. Estará disponível ao público como contribuição para o movimento em fenomenologia, que é vasto, podendo, assim, estimular a outros em novas buscas e, um iniciar de resoluções de dúvidas quanto à prática na fenomenologia-existencial.

1. A PSICOTERAPIA RELACIONAL NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

1.1 Fundamentos de uma Psicoterapia Fenomenológico-Existencial

A psicologia clínica está associada à ideia de doença, visto que sua origem e sua orientação são da psicopatologia. Pode-se, assim, entender e justificar o vínculo desta linguagem para o psicólogo e para a psicoterapia. À Psicoterapia Fenomenológico-Existencial cabe buscar um embasamento diferenciado do psicanalítico diante da ação do diagnóstico e/ou compreender o modo de existência do ser em seus relacionamentos com o mundo; a isto não pressupõe intervenções ou tratamentos medicamentosos obrigatórios (AUGRAS, 1996, p.10).

Pode-se perceber na realidade das pessoas, ao viverem no mundo atual, suas crises de ansiedades e sofrimentos do existir, os quais comprometem a construção vivencial. Essas crises e sofrimentos, muitas das vezes, não são acalmados em falas vazias ou teóricas. Isso traz dificuldades para as pesquisas científicas, e cabe aos profissionais das clínicas inúmeras questões inquietantes e dúvidas atormentadoras seguidas de perguntas sufocantes e não formuladas. Diante disso, os terapeutas podem se questionar na ciência de ver e conhecer aquele que o procura em sua realidade vivencial (MAY, 1993).

Observa-se o avanço de instrumentos e de maneiras de atuações dos profissionais em psicoterapias, parecendo-lhes suficientes para atenderem às necessidades humanas apresentadas, o que na realidade não tem correspondido ao que aparece - o sofrimento humano. Visto pelo lado da primazia das técnicas, tem-se esquecido o lado humano. Ambos necessitam do ponto de relação entre pessoas, o inter-humano. Portanto, é imprescindível uma psicoterapia baseada no diálogo cujo processo acontece na relação entre cliente e terapeuta possibilitando-lhes o encontro relacional. Como afirma Martin Buber (1958): “Todo viver verdadeiro é encontro” (HYCNER, 1995, p.21).

1.1.1 Existencialismo

A vida humana é possível dentro da perspectiva do existencialismo sendo que toda verdade e ação encerram um meio e uma subjetividade humana. Para os existencialistas a ideia da existência precede a essência, assim, é necessário partir de uma subjetividade. Ao homem cabe uma natureza humana em sua constituição, um conceito humano que é encontrado em todos os outros homens. Cada um é único do ponto de vista do universal, o homem. Portanto, este homem existe, encontra-se, manifesta-se no mundo e define-se posteriormente. Considerando o ponto de vista dos existencialistas, de que o homem não se concebe anteriormente definível, pode-se entender que ele não é nada. Sendo assim, este homem tornar-se-á após fazer-se, estando responsável pelo que é, pela sua existência (SARTRE, 2014).

Sendo o homem formador da natureza humana, sua realidade é resultante de sua ação, da repercussão de seu projeto e do que ele realiza em sua vida. Esta é a realidade que importa, o homem é a vida que vive. Diante disto, Sartre (2014) ressalta que esse homem é quem se decifra como melhor lhe parecer. Ele só pode contar com sua própria vontade ou com as probabilidades que tornam sua ação possível. Dessa maneira, o homem é uma série de empreendimentos, de organizações, de relações; assim, ele, em constante movimento, faz-se comprometido com a própria vida. Ainda na concepção do existencialismo, o homem não é um fim, ele está sempre empreendido em fazer-se.

May (1993), como Sartre (2014), refere-se ao existencialismo como interessado na compreensão do homem, evitando, assim, a desordem criada entre sujeito e objeto no mundo. Os existencialistas consideram o movimento projetado pelo homem sempre ativo, e o vir-a-ser transforma-se em realidade a evoluir. Para o autor, o existencialismo está relacionado com a ontologia, o conhecimento do ser, cujo interesse está tanto em encontrar a pessoa em seu isolamento quanto na desordem resultante desta cultura. A essência existencial surgiu como resposta à crise cultural e foi reconhecida através das artes, da literatura e do pensamento dos diversos filósofos através do mundo moderno. Logo, o existencialismo retrata um homem em constante mudança e transformação, pois uma pessoa em crise não significa existir em desalento. Assim, o existencialismo se esforça, direcionado para a realidade, utilizando dos conflitos existentes no homem para o seu autoconhecimento, examinando respostas para os problemas.

Tanto Abbagnano (2006), como May (1993), compartilham do pensamento de Sartre (2014), quando abordam a existência como contínua abertura ao mundo e aos outros e, que toda atuação humana possui sua lógica. Compete à filosofia aceitar como essencial o homem e suas necessidades, o que é, o que deve ser, o filosofar. Este compreendido como existência do homem de escolher, de decidir, de comprometer-se, de apaixonar-se, de viver e de ser autêntico consigo, de acordo com o interno do existir humano. Filosofar, um acontecimento humano e essencial à existência. Assim, a filosofia considera problema aquilo que o homem traz para si e em torno de si, o “ser” do homem. Desse modo, a atuação humana sofre constantes intervenções, visto que quanto maior o interesse pela decisão ou pelo ato, mais expressivo se torna para a existência.

Tomando-se como ponto de partida o interesse humano, acontecem sempre renovações nas decisões. Ora, nada é irrevogável na existência humana. Entende-se que o homem que não decide não se realiza; não leva à execução sua personalidade, permanece no anonimato deixando sua liberdade, suas escolhas e possibilidades. À vista disso, o existencialismo tem um ponto comum em suas diversas formas ao se referir à existência: é nela que o homem está em constante busca depositando-lhe todo o seu empenho. Assim, o homem de hoje vive a parcela solidária de seu destino individual com a comunidade a que pertence, precisando reconhecer o que o vincula ao outro para se posicionar em comunidade (ABBAGNANO, 2006).

O autor continua com suas afirmações referindo-se às diferentes formas sobre o existencialismo que valida a junção essencial da existência à coexistência e à impossibilidade do isolamento podendo empobrecer o seu eu. Por meio dele, o homem não só testemunha a realidade existencial, como também as exigências humanas, sendo-lhe permitido contemplar, no hoje, a história vivida pelos filósofos em sua época e o que somos agora. Por conseguinte, o existencialismo se opõe a contestar o homem e sua existência, ações constantes em direção à constituição. Ainda de acordo com o existencialismo, o homem não é um ser imanente, a ele pertencem a sua individualidade e seu destino, sendo existente enquanto busca e se questiona.

Abbagnano (2006) afirma que, enquanto a pessoa existe, enfrenta e busca o ser, questão pertinente da existência e da relação com o ser. Como vivente, direciona-se ao ser e se torna, porque se relaciona com ele, saindo do nada e do inexistente.

Ao se perceber existente, encaminha ao ser e, ao alcançá-lo ou ao se torná-lo, deixa de existir, já que o existir é uma busca. Para o vivente, o humano é uma possibilidade de significar; logo, a existência torna-se possibilidade de estar enquanto se constitui. Dessa forma, a existência é um entendimento real que o homem tem de sua natureza de origem e, ao reconhecê-la, ele a compreende.

Sendo assim, a existência coloca o ser diante do outro. Ora, para existir, necessito coexistir. Portanto, a existência é o movimento constante, que me conduz além de mim ao mundo e aos outros instaurando o meu contato vital entre mim e o outro. Se eu não sou eu, os outros não serão comigo com a solidariedade com que nos relacionamos enquanto humanos, da mesma maneira que, se não me entendo, não entenderei aos outros e nem eles a mim. Por essa razão, o isolamento existencial é a ruptura da solidariedade humana, é a cegueira instintiva diante de mim e dos outros; é a não compreensão do eu para consigo e para com o outro e dos outros para com eles e comigo.

Neste movimento de existir e de coexistir, Augras (1996) refere-se ao mundo humano como o da coexistência, no qual o homem se constrói como social em seus diferentes encontros com o outro, e estes resultarão em crescimento. Em vista disso, a Psicoterapia busca reaprender a encontrar-se com os demais através de distintas interações. Dessa maneira, a fenomenologia existencial percebe este mundo como o da coexistência entre sujeito e objeto, mas o mundo não se estrutura nem pela oposição nem pela justaposição; ele é constituído por encontros dentro do meio ambiente. Diante disso, para que haja a compreensão de si, torna-se necessário o reconhecimento da coexistência iniciando-se, pois, pela compreensão do outro. Por isso, a situação do ser no mundo é marcada pela estranheza, sendo que a coexistência é coestranheza. Na coexistência, o outro é percebido como modelo para a construção da imagem de si, e esta imagem contém uma parte igual de alteridade. Para tal, torna-se necessário aceitar-se como o outro.

1.1.2 *Fenomenologia*

A Fenomenologia surgiu na Alemanha com Husserl, e ele influenciou o pensamento filosófico e científico contemporâneo. Husserl, em 1884, em Viena, afasta suas preocupações filosóficas das matemáticas, e, motivado por Franz

Brentano, quando este buscava em seus estudos distinguir os fenômenos psíquicos, objetivando a uma psicologia descritiva, desperta em si as limitações das ciências humanas. Então, Husserl publica sua primeira obra em 1891, a *Filosofia da Aritmética*, que destaca a diferença entre o conceito de número e o processo de enumeração, referindo-se ao aspecto lógico e psicológico. Ele buscava um olhar reflexivo pesquisando a multiplicidade do objeto, o número, com elementos singulares, e, quando reunidos, formavam um todo. Ele pretendia obter a correlação essencial para a fundamentação do método fenomenológico. Enquanto estudava a lógica, ele ressalta os objetos ideais, as categorias e os atos cognitivos como: percepção, imaginação, recordação e intuição do tempo, assumindo, então, compromisso de explicá-los em sua constituição. Nesse sentido, a fenomenologia interessa-se em revelar e em esclarecer as condições vivenciadas, deixando aparecer o que é absoluto (CAPALBO, 1987; DARTIGUES, 2005)

Sendo assim, a Fenomenologia é a ciência que propõe os estudos dos fenômenos que surgem no humano. Ela possui um vasto domínio uma vez que tudo que surge é um fenômeno. Não existe nenhum fenômeno que não é nada; ora, o que não é, inexistente. Todo fenômeno possui uma essência com possibilidades de designá-lo, nomeá-lo, não permitindo a redução em sua grandeza. Este movimento fenomenológico, com um novo formato ao já existente, foi iniciado por Husserl no momento em que o ser se colocou como problema autônomo para o surgir das coisas. Nessa perspectiva, o sentido do ser e do fenômeno não podem separar-se (DARTIGUES, 2005).

Logo, a fenomenologia é um movimento filosófico estruturado no início do século XX, por Edmund Husserl, com o objetivo de fundamentar a plenitude de objetos possíveis. Van Breda(s/d) relatou que Husserl possuía duas concepções de Fenomenologia. Percebia-se a Fenomenologia como uma ciência filosófica preparatória para descrever as propriedades fundamentais de um problema filosófico permitido. A outra concepção refere-se a uma fenomenologia que objetiva redescobrir a origem intencional da consciência e os passos peculiares para o movimento (GIOVANETTI, 2017).

O desejo de Husserl era criar uma ciência rigorosa e descritiva. Para concretizar suas ideias, formula algumas colocações referentes aos problemas e ao método fenomenológico. Dessa maneira, a fenomenologia tenciona realçar e retratar

com acerto os fenômenos vividos pela consciência, os atos e os correlatos da mesma, numa perspectiva diferente da sistemática. Ela terá por base que a consciência é consciência de algo, com a intenção direcionada ao objeto, sendo o fenômeno revelado sem intermediários. Para a fenomenologia, o objeto poderá ser descrito pela consciência e terá um eixo invariante. As essências se referem ao sentido do fenômeno e elas terão conhecimento direto na presença do objeto pela imaginação ou pela percepção.

Ao se percorrer com as formulações fenomenológicas de Husserl, tornam-se necessárias as reduções para alcançar a essência, fonte de significações e da vida intencional, distinguindo os fatos e os sentidos atribuídos. Desse modo, faz-se possível perceber a relação entre sujeito e objeto como correlação intencional significativa da consciência. Assim, pela análise intencional, o objeto é constituído de significantes e pela redução é reconhecido o sentido dos fenômenos como fonte destas significações. Logo, significações do mundo passado, presente e futuro aproximam-se. Portanto, apreende-se como fundamental que existe um eu e uma história; um eu criador de si, do mundo ao redor e de sua personalidade utiliza-se do diálogo e do trabalho (CAPALBO, 1987).

A base do método fenomenológico de Husserl é reconhecida por Forghieri (2009, p.15) quando afirma que as investigações devem iniciar das coisas e dos problemas e não das filosofias; “ir às próprias coisas”, ir ao encontro do fenômeno para esclarecê-lo de acordo com o modo como ele se mostra. Deve-se entender voltar à coisa mesma como ponto de partida para o conhecimento, e a “coisa mesma” é a realidade em si, o fenômeno, e é a única coisa a que temos alcance e como primeira visão. Este fenômeno faz conexão entre consciência e objeto, considerando a consciência intencional devido à sua importância em atribuir sentidos aos objetos.

Ainda dialogando sobre a intencionalidade, Dartigues (2005) relata a importância da concepção de Brentano(s/d) para a construção dos conceitos de Husserl quanto a ela. Eles utilizam do mesmo princípio - a consciência é sempre consciência de alguma coisa e voltada a um objeto que é objeto-para-um-sujeito. Para ele, mundo e sujeito são constituídos. O mundo tem sentido numa consciência ou sujeito, e este se constitui após se conquistar através das reflexões da vida. Por conseguinte, a consciência é ponto de abertura à intencionalidade e para a fenomenologia o mundo é um fenômeno. Neste sentido, torna-se necessário à

fenomenologia resgatar a intencionalidade em seu real sentido para perceber os fenômenos humanos em seu conteúdo significativo. Husserl compreende uma atitude percebendo-a do interior, da intenção que a impulsiona no humano e a destaca da energia física.

Pode-se evidenciar o envolvimento no mundo através dos acontecimentos diários, assim também, para saber quem se é, precisa-se perceber onde se está sendo, e que identidade está relacionada com estes acontecimentos vividos. Dessa maneira, o mundo é a soma de relações significativas nas quais a pessoa existe, havendo um movimento dialético entre o ser humano e o mundo. Logo, o mundo humano é aquele que se refere ao encontro e à convivência de uma pessoa com outra. Por isso a relação entre os humanos é fundamental para a existência desde o nascer e o encontrar-se em situações que solicitam a presença de alguém; ora, existir é ser-com-o-outro (FORGHIERI, 2009).

A fenomenologia se delineará como método e como filosofia com Hegel, Capalbo (1987, p.28), que pensará sobre o movimento do espírito e tratará dele em *Fenomenologia do Espírito* (1807). Para ele a revelação do espírito é dialética. Cada ser carrega consigo mais do que a identidade, ele é seu outro. Por isso ele é traço daquilo que sinaliza e o espírito pleno se revela como fenômeno entre outros sendo verdadeiro e não como falsa imagem. Assim, a Fenomenologia objetiva perceber as revelações originárias das outras. O autor reafirma que o compromisso da fenomenologia na perspectiva de Hegel é discernir as exposições reais das ambíguas.

Após este período de estudos sobre a fenomenologia em Hegel, surgem as investigações de Husserl sobre as condições da ciência. Capalbo (1987) procura compreender qual o ponto inicial e de sustentação das ciências, sabendo que essa é percebida por uma consciência. Para ele, a fenomenologia irá descrever o fenômeno que reflete a consciência, desbloqueando nosso olhar para a observação do vivido e sua descrição. A esta consciência nomeamos como intencional e compreende-se por intencionalidade a direção da consciência para algo, que, retido pelo olhar, é o que nos aparece, o fenômeno. Portanto, a Fenomenologia, em Husserl, atesta que a consciência é intencional e que nenhum objeto é pensado sem um ato da consciência.

A perspectiva fenomenológica é entendida por Forghieri (2009, p.10) como aquela que realmente abrange em sua totalidade o existir humano, com tristeza e com alegria, com angústia e com tranquilidade, com raiva e com amor, com a vida e com

a morte; extremidades que se articulam e vivência que se dá a cada um dos extremos. Como a fenomenologia não é um método acabado, é através dela que se pretende desvendar a razão e o mundo, e estes não são problemas, eles se constituem como um mistério. Dessa maneira, acontece uma relação entre Fenomenologia e Psicologia; a primeira é uma ciência que demanda conhecimento, reflexão e vivência e ambas pretendem descobrir a significação no contato do psicólogo com sua vivência e com a de seus semelhantes.

Neste caminhar fenomenológico, com uma visão ampliada quanto às reflexões, percebe-se o fenômeno como aquilo que existe. Esse fenômeno torna-se perceptível por uma consciência intencional dirigida a um objeto na compreensão de sua própria essência. A Fenomenologia continua suas considerações ao analisar o ser-no-mundo como um ser humano detentor de uma história. Nesta história, ele participa de um encontro procurando compreender o outro, com o qual compartilha da intersubjetividade dos fenômenos. Nas manifestações no mundo, é que o outro se torna outro para si, contribuindo na aproximação e na distância que surgem no encontro, e este outro é apreendido como existente. O fenômeno do contato pode gerar no homem tanto ansiedade quanto prazer, mas ele sempre é uma experiência eficiente em potencialidade (MAY, 1993).

Nesta perspectiva fenomenológico-existencial, o homem se constrói mediante seus acontecimentos e está se reinventando enquanto se define em suas escolhas incentivando os outros em seus movimentos. Nesse movimento, é necessária a presença do ser neste contínuo fazer-se, um constante movimento de construção, cabendo ao terapeuta, também como ser, estar sempre nesta educação continuada e colocar-se como aprendiz, abrindo, assim, novas possibilidades (ERTHAL, 1995). Dessa maneira, Hycner (1995) afirma que uma das tensões na psicoterapia e na vida é que cada ser tem a sua própria experiência e torna-se necessário ao psicoterapeuta entendê-la em seu significado. Tal esforço, autêntico, é percebido e apreciado pelo cliente sendo correspondido em sua confirmação como necessidade existencial.

2. O DIFERENCIAL DO TERAPEUTA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

A Fenomenologia teve seu início na Psicopatologia, em 1913, com o psiquiatra e filósofo Karl Jaspers quando ele escreveu *Psicopatologia Geral* (1913). A partir daí, ela vem influenciando os diferentes campos da Psicologia e seus pensadores. O método fenomenológico, além de ser destaque, foi influência para a Universidade de Duquene de Pittsburgh, Centro de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica, impulsionado por Amadeu Giorgi, o qual defendia mudanças na Psicologia a partir de bases fenomenológicas (GIOVANETTI, 2017).

Giovanetti (2017, p. 33), quando se refere a Rollo May (1993), ao organizar o livro *Existence: a New Dimension in Psychiatry and Psychology* (1958), afirma que May apresentou para a comunidade americana representantes europeus da prática da fenomenologia à Psicologia. Dessa forma, a Fenomenologia tornou-se importante na Psicoterapia com destaque psicoterápico na Fenomenologia Existencial, que surgiu com Husserl (1859–1938), ao pretender criar fundamentos sólidos para ela. Mas Husserl pesquisou apenas parte das possibilidades.

A proposta de psicoterapia fenomenológico-existencial, de acordo com Feijoo (2010), foi desenvolvida fundamentando-se nos requisitos da filosofia da existência, da maneira como ela estuda o ser, da comunicação envolvida neste processo e suas articulações com a psicologia. Este trabalho objetivou explorar os aspectos envolvidos na prática psicoterápica para aproximar-se do ser e para refletir a respeito da fala e da escuta, o discurso clínico. Logo, a psicologia fenomenológica pretende descrever com acerto e sem suposições; buscar compreender o fenômeno humano no seu tempo desvelando o sentido existencial a que lhe pertence.

A autora refere-se à aspiração de Husserl a elaborar uma fenomenologia enquanto método; a estar diante da postura do conhecer e a apresentar os aspectos positivos deixando revelar-se na descrição da experiência com um olhar distinto. Ao assumir a prática da psicologia fenomenológico-existencial, o profissional irá compreender o fenômeno vivencial de seu cliente no proceder de seus relatos de vivências.

Dessa maneira, para a postura deste conhecer e para nomear-se o positivo, a prática psicoterápica encontra como possibilidade visualizar na estrutura do ser-

homem o seu ser-no-mundo, aquele ser de relações junto a outros e concomitante para os outros seres. Enquanto existentes, no cotidiano, torna-se difícil a postura de quietude e o distanciamento em determinadas questões. Por isso, as reflexões fenomenológicas revelam a beleza de nos despertar para tais inferências que se sabem e se vivenciam; no entanto, não se reconhecem e nem se apreciam na conquista existencial (BUCHER, 1989).

Nessa postura relacional no processo terapêutico, Porchat & Barros (2006), ratificam a relação dialética entre os componentes do processo e discorrem sobre um diálogo intelectual e existencial, com relacionamento amoroso para ser empreendido. Eles fazem a analogia com uma longa viagem na qual os participantes, juntos, caminham sem estradas e sem fins definidos, estando diante da complexidade existencial do sentido no tempo do cliente. Este é o desafio da psicoterapia - o de não possuir um padrão para o ser, ele é único e o encontro também. O importante é o terapeuta estar sempre presente e disponível para o cliente.

Ainda se referindo ao assunto abordado acima, Giovanetti (2017) confirma a importância da Fenomenologia como método de abordagem diferente das ciências naturais, propondo refletir sobre a possibilidade de se chegar ao fenômeno numa perspectiva diferenciada. Assim, o fenômeno que aparece é um composto do sujeito e do objeto. Por meio da Fenomenologia, o fenomenólogo irá compreender os propósitos de uma atitude escolhida, através do envolvimento reflexivo, a partir de uma intenção específica da pertença do humano ao entender alguma coisa.

Dessa maneira, o objetivo do método fenomenológico é perceber como é a pessoa, segundo Erthal (1995, p.29), e não na qualidade de um ser idealizado. Então, para se alcançar o objetivo, o recurso utilizado na compreensão desta realidade transformada dá-se via atitude terapêutica envolvendo pessoas e com um relacionamento único. Logo, a fenomenologia vê o indivíduo como um “ser-no-mundo”. A autora cita Sequin (1970) que também compartilha da mesma reflexão ao relatar a respeito de a relação terapêutica ser um “encontro” único que não se repete; ocorre na ajuda terapêutica ao outro através do desenvolvimento de suas habilidades de existente. Ela reforça que a compreensão parte do homem; logo, o humano só é compreendido a partir de si mesmo, cabendo à terapia aproximar-se das manifestações que surgem.

Considerando o psicoterapeuta enquanto humano, ele e seu cliente se perceberão como pessoas coexistentes na mesma condição de seres, não se limitando a uma simples troca de comunicação existencial, mas sendo-lhes acrescentado algo a mais em suas ações possibilitando-lhes, assim, eficácia em seus movimentos. Estes advêm do diferencial do psicoterapeuta em sua disponibilidade para com o outro e para com o serviço do outro, resultante de todos os seus conhecimentos no decorrer de seu caminhar enquanto formação e experiência, percebendo, então, o homem a partir de suas construções (BUCHER, 1989).

Ao se referir à importância do método, Jeanson, em Giovanetti (2017), descreve que este é o lugar, um caminho que se abre e/ou uma maneira de pesquisar e precisa ser produtivo a fim de compreender as coisas. Para ele, o método é uma reação ao olhar direcionado ao que se estuda. Portanto, torna-se necessária uma postura fenomenológica, um debruçar-se sobre algo, sobre o fenômeno, descrevendo-o em sua plenitude. Isto dará ao terapeuta possibilidades de verificação de componentes psicológicos dos fenômenos que se mostram. Por isso, a Fenomenologia oportuniza à Psicologia uma compreensão especial da realidade de determinados problemas ou daquilo que brota do desejo, do subjetivo do homem, um projeto que o direciona ao mundo.

Sendo assim, é necessário: a) compreender a Fenomenologia em sua ciência filosófica prévia, que descreve as essências fundamentais de questão; b) compreender a Fenomenologia no redescobrir a constituição intencional da consciência e os passos que a movimentam. Como a Fenomenologia procura descrever o fenômeno que se mostra, o trabalho terapêutico na clínica é direcionado ao humano e ao sofrimento trazido por ele. O terapeuta, com sua atitude, direcionará as questões existenciais do cliente surgidas por detrás dos conflitos, proporcionando-lhe capacidade de compreendê-las e instrumentos suficientes diante do conflito aparente. A psicoterapia, enquanto intervenção psicológica e não médica, conseqüentemente, possibilita um trabalho diferenciado; assim sendo, pode-se questionar qual a sua área de atuação (GIOVANETTI, 2017).

O psicoterapeuta articulado na proposta fenomenológica vai investigar o homem, deixando que aquilo que se mostra o faça com sua maneira peculiar partindo de si mesmo. Com tais características, este método em fenomenologia possui aspectos próprios de acordo com Husserl, citado em Feijoo (2010); cabe ao

profissional se direcionar àquilo que se revela, à sua manifestação, às coisas mesmas. Portanto, ele busca a evidência, ilumina o que aparece; e este algo que se expõe é o fenômeno; a constituição das experiências, as quais são compreendidas. Dessa forma, o terapeuta vai facilitando a transparência e deixando o sentido se revelar e, finalmente, acontece a compreensão da existência, o ser em si, o fenômeno é apreendido à medida que se desvela.

Constatando que a intervenção psicoterápica acontece numa relação de intersubjetividade, Bucher (1989) afirma que o meio utilizado nesta relação psicoterápica é o ambiente humano através do diálogo e da conversa via linguagem. Assim, para o manifestar da intimidade na relação terapêutica de maneira a proporcionar um bom trabalho, o diálogo torna-se importantíssimo e a fala, além de ser o veículo na construção da relação de intimidade, também ajuda o homem na redução do sofrimento. Logo, a psicoterapia possui como possibilidade se instalar na estrutura do ser humano como ser-no-mundo, ser com e para o outro, permitindo-o compreender-se na relação consigo, e do encontro processam modificações, que se articulam em sua construção e crescimento, renovando a vida.

Erthal (1995) reafirma a importância da relação terapêutica e do ambiente humano neste processo quando aborda que o principal instrumento de trabalho do psicólogo é ele mesmo. Esse processo se amplia, a partir da riqueza de recursos e das flexibilizações nas ações. Ocorre, portanto, eficácia no atendimento a pessoas com diferentes modos de ser diante dos movimentos existenciais. Ela ressalta o desenvolvimento do psicólogo como pessoa, ampliando suas possibilidades, sensibilidade, autoconhecimento e melhorando a capacidade de sentir e de perceber o outro em suas atuações psicoterápicas.

Ainda de acordo com Bucher (1989), além de a relação psicoterápica acontecer no ambiente humano também é paralela à existência humana como tal; torna-se, assim, pesquisadora da humanização do homem e, particular no lidar com ele. Portanto, a fenomenologia oportuniza esta compreensão diferenciada do processo do compreender este ser em movimento no mundo, suas relações com outros seres, sua linguagem e os significados humanos dados, em seu existir, enquanto humano.

Neste contexto, Erthal (1995) afirma que a terapia caracteriza-se como possibilidade de aumentar a autoconsciência nas escolhas, ajudando o cliente a enfrentar riscos e responsabilidades diante das decisões. Logo, o terapeuta precisa

estar centrado na relação para que haja o encontro e fazer-se presença. Além disso, deve ser a testemunha do compromisso que o cliente terá consigo. Dessa maneira, acontece a compreensão empática, o suporte do encontro terapêutico, aquela atitude afetiva de se colocar no lugar do outro e perceber-lhe o mundo.

De acordo com Porchat & Barros (2006), é fundamental ao terapeuta ter disponibilidade para se abrir a novas situações e poder entrar no mundo do cliente. Mesmo coincidindo com algumas de suas questões não resolvidas, vale o esforço da sua reestruturação e o não se confundir com o cliente. Eles afirmam que o terapeuta possui uma ferida representativa direcionando-o à profissão, tornando-se necessária, portanto, uma supervisão de forma a evitar, assim, sua significação ao cliente. Esta é uma profissão na qual não se compartilham dúvidas do conteúdo do cliente com outras pessoas, elas são terapeuta e do cliente. Os profissionais citados acima sentem-se felizes, apesar de algumas angústias, ao perceberem nas pessoas crescimento, amadurecimento e movimento reflexivo contínuo.

Compartilhando com os saberes anteriores, Feijoo (2010) aponta para uma psicoterapia que possibilita ao ser, em uso de sua liberdade, escolher e se responsabilizar por ela podendo, assim, ser. Nesse processo, caberá ao psicoterapeuta o papel de facilitador, ao deixar surgir o oculto, como um artesão se desvelando em uma belíssima obra de arte. A abordagem fenomenológico-existencial possibilita àquele que, em sua angústia, demanda pela sua propriedade de reconhecer-se e de se fazer no mundo, redescobrimo-se em sua serenidade diante daquilo que lhe era inútil.

Quanto ao psicoterapeuta ser um artesão, Bucher (1989) utiliza dos relatos de Binswanger em suas análises fenomenológicas para afirmar que este profissional vai além de criador; ele é detentor de um saber técnico e de sua intuição que possibilita ao cliente o alcance de valores e de instrumentos que lhe facilitarão o movimento. Estes saberes são fruto de preparação paciente e metódica na elaboração intensa de diversos conhecimentos e de amplo estudo a respeito do homem, além de experiência clínica e humana.

Diante dessa estrutura do método fenomenológico, os profissionais necessitam de uma postura de escuta atenta para assumirem seus pressupostos e partilharem da abordagem. Assim sendo, o terapeuta em Fenomenologia se volta à compreensão dos fenômenos que aparecem, e são revelados na consciência do cliente, e

desvelados por ele e pelos sentidos que lhe são dados. Na presença do fenômeno que aparece e do comportamento sofrido, o cliente deixa surgir o significado que ele dá ao percebido. Neste momento, o terapeuta se abre à escuta, desvenda a maneira de ser do cliente, possibilitando-o reviver o sentido anterior (GIOVANETTI, 2017).

Dessa maneira, a clínica psicológica utiliza da busca do modo de ser do homem, o ser-aí com características definidoras de sua estrutura, cabendo ao terapeuta proceder de maneira esclarecedora aos enunciados do cliente. Nesse processo é que o ser irá se valer do que lhe faz sentido e aceitar essa situação. Uma vez estando perdido de si e aberto à procura e ao acolhimento do terapeuta, o cliente se perceberá fazendo parte outra vez do seu controle histórico. Essa proposta psicoterapêutica consiste na posse da liberdade própria ao homem. O movimento realizado pelo cliente revelará seu modo de existir e como trabalha com a liberdade (FEIJOO, 2010).

A importância da relação entre terapeuta e cliente é decisiva e central ao tratamento psicológico. Portanto, compete ao fenomenológico-existencial a qualidade da relação para o sucesso no tratamento psicológico construindo todo o trabalho clínico. Na relação terapêutica, o profissional possibilitará ao outro se conhecer, desprender-se das dificuldades e buscar o melhor para a própria vida. Logo, uma relação humana é o momento em que dois seres buscam clarificar algo; é uma ligação que envolve trocas de conteúdos entre estes seres, tornando possível o desvelamento de significados para as partes.

Ora, para que esta relação humana aconteça, são necessárias algumas exigências e reflexão sobre os elementos que a constituem, por exemplo, com o reconhecimento do outro como sujeito, implicado em seus atos, cabendo-lhe, então, a busca e a realização da direção de vida. Nesta busca do autêntico o outro como sujeito, dá-se a ele como competência o encontro e o definir de seu caminho recorrendo às suas opções. A partir desta constatação do outro, está implícita sua aceitação e suas diferenças, abrindo-se ao novo. Estabelece-se dessa forma, a relação. Daí surgem afetos aos quais precisamos nos atentar e compreender os significados a que nos remetem (GIOVANETTI, 2017).

Sendo assim, o encontro, o diálogo, a reciprocidade e o vínculo também são elementos que estruturam a relação humana. É parte integrante do encontro psicoterápico a presença do diálogo, elemento que constrói a relação entre as

peessoas. Os participantes devem abrir-se à experiência de um outro com características próprias. Assim, o encontro tornar-se-á, na experiência realizada com o outro, momento de aprendizagem e de crescimento existencial. O outro traz o seu conteúdo vivido com significados dados. Cabe ao terapeuta o respeito aos seus limites. O segundo elemento da estrutura é o diálogo, que será efetivado se os sujeitos estiverem abertos para a relação ao acolherem o que aparece. Podemos estar com o outro sem vivenciarmos a reciprocidade.

É ressaltado em Buber (2009) a importância do diálogo tanto em seu sentido na própria vida quanto em suas reflexões. O autor deixa clara a responsabilidade com a vida e revela que ela é perceptível no cotidiano. Afirma que o homem é um ser de relações, sendo elas essenciais para a existência do indivíduo. O diálogo em Fenomenologia é para Buber (2009) o que esclarece o fenômeno do inter-humano. Logo, a comunicação dialogal torna-se fundamental no existir e em suas revelações. O homem será capaz do encontro a partir do momento em que se tornar responsável pela sua ação. Dessa maneira, a relação dialógica destaca a abertura do terapeuta para a escuta do ser, ao ocorrer a relação entre o eu e tu.

Outro elemento estruturante da relação é a reciprocidade - elemento essencial para que ocorra o diálogo. A reciprocidade acontece quando os elementos da relação estão envolvidos entre si no movimento e não simplesmente um ao lado do outro. Desse modo, uma vivência autêntica na reciprocidade permitirá a ocorrência do vínculo que consolidará a relação. Portanto, o vínculo é o que institui a união entre os elementos da relação e oferecerá intensidade e qualidade ao relacionamento (GIOVANETTI, 2017).

Na perspectiva fenomenológico-existencial, quanto maior o contato do cliente consigo mesmo, melhor será seu envolvimento e crescimento, os quais proporcionam uma relação terapêutica de qualidade. O acolhimento, o estar com o outro, é fundamental desde o início da terapia e, por todo o percurso. É fundamental aceitar esse outro e adaptar-se às necessidades daquele que sofre. Com tal característica, o profissional possibilita ao cliente o esclarecimento das vivências surgidas com solidariedade e com apoio. Dessa forma, faz parte da psicoterapia fenomenológico-existencial privilegiar a construção do espaço inter-humano possibilitando ao cliente a recuperação da sua autonomia para o seu existir.

No processo de envolvimento do cliente e de acolhimento do terapeuta, Erthal (1995) afirma que o importante não é o aprendizado do terapeuta sobre o cliente, para acompanhá-lo ou ensiná-lo algo, mas que o profissional seja capaz de possibilitá-lo a se conhecer, a tomar decisões sobre o decorrer de sua história e de sua realidade vivencial. Nesta percepção, a educação do terapeuta nunca é completa, ele está sempre na posição de aprendiz que possibilita o acontecer. A cada intervenção do terapeuta, diferentes significados ou caminhos podem se abrir para o outro. O profissional, quando mostra o sentido da fala do cliente, dá a ele possibilidades quanto ao movimento do revelar.

Ainda são essenciais, enquanto postura relacional terapêutica, a humildade, o respeito e a paciência. Humildade diante do novo que surgirá no espaço inter-humano - o cliente estará em contato com o próprio sofrimento. Assim, o cliente percebe que algo se revela ou se produz nesse momento específico, que é o encontro entre as pessoas. Cabe ao terapeuta disponibilizar tempo e escuta ao fenômeno descrito ou recontado pelo cliente, acolhendo como novidade a narrativa. Abrir-se-á para o novo, procurando entender detalhes específicos do problema. O terapeuta respeitará as questões do cliente, simples ou não ao terapeuta - o vivenciado pelo cliente naquele momento, pode ser tormentos na vida. Portanto, caberá ainda ao terapeuta a escuta sem interrupção à narrativa do cliente, respeitando o desenrolar da sua exposição, além de postura paciente que evidencia a abertura e a mudança de significados.

Portanto, tanto a fenomenologia quanto a terapia existencial propõem ultrapassar a oposição no que diz respeito à ruptura entre sujeito e objeto. O indivíduo está sempre em movimento se construindo; ele se encontra transformando a si e ao ambiente em que convive por meio de suas interações, marcando, dessa forma, seu crescimento e refazendo sua história com temporalidade própria. Elabora, assim, o seu sentido de existência. Logo, terapeuta e cliente, num encontro, em estar-juntos no presente, detêm a resignificação de um passado com possibilidades de um futuro. Portanto, as ponderações fenomenológicas sobre a psicoterapia são capazes de projetar sabedoria às condições humanas em seu sentido mais amplo (BUCHER, 1989).

3. AS HABILIDADES DO PROFISSIONAL TERAPEUTA

Os diferentes aspectos de superação dos conflitos do existir humano através de recursos terapêuticos são considerados por Augras (1996) como tendência cultural e ela cita Szasz (1975), ao se referir à vida como doença iniciando ao nascer e terminando ao morrer. Sendo assim, o humano solicita assistência de diversos profissionais nas diferentes etapas do existir. Neste pensar, a normalidade se caracteriza como a capacidade adaptativa do ser diante dos conflitos existenciais. Para K. Goldstein (em AUGRAS,1996, p.11) a doença é “o obscurecimento da existência” na qual inexistem as referências de situações, o que dificulta sua sobrevivência. Contrapondo-se está a saúde como um processo, por meio do qual o organismo se renova com o mundo, transforma-se, atribui-lhe significado e dele o recebe, numa construção mútua em que indivíduo e mundo, organismo e meio, convivem.

De acordo com Horta (2018) a pessoa constrói o seu jeito de ser no mundo desde a infância. Esta construção inicia-se na família e aos poucos vai se adaptando ao social e, em determinados momentos, a pessoa se perde em seu movimento. Para resgatar esta saúde que, às vezes não significa solucionar os problemas, mas o entrar em contato consigo, com o mestre interno existente em cada um, conta-se com a presença do psicoterapeuta, paciente, com o objetivo de revisitar questões e escolher alternativas com qualidade. Dessa maneira, não se culpabiliza o cliente e nem os mais próximos pelo seu fracasso existencial. Cabe ao terapeuta atuar com equilíbrio emocional e com sincera vontade de ajudar o cliente na busca por outro caminho.

Dentro deste contexto, Canello (1991) refere-se à Psicoterapia, na qualidade de recurso terapêutico, como um evento envolvendo duas pessoas e a linguagem como instrumento utilizado pelo terapeuta e pelo paciente para se comunicarem. Assim, o cliente desloca para a sessão o que lhe há de mais íntimo e, parece ao terapeuta tão real, o vivido, como algo presente no ambiente. Seu olhar mostra-lhe a cena singular, um fato passado. O cliente coloca a confiança no terapeuta permitindo-lhe compartilhar de sua experiência, como testemunha privilegiada de uma singularidade, testemunha confiável.

Ainda de acordo com o autor, é neste envolvimento que o cliente percorre o seu roteiro interessado e solidário, temeroso às vezes da traição do terapeuta, de afastar-se do lugar de testemunha para vir a ser o juiz. Dessa forma, cliente e o

terapeuta estreitam o contato como exploradores em busca do desconhecido - uma busca significativa. Neste momento, o cliente examina fatos e fatos, repete-os e se percebe contando-os diferente - é seu passado vivenciado no agora e ressignificado. Ora, e a dor, e a doença? Estarão elas em algum lugar, em alguém ou na maneira de relacionar-se com a própria história?

À vista disso, o psicoterapeuta participa das lacunas do existir do cliente ajudando-lhe na reconstrução de sua história. Assim, o terapeuta está sempre presente, sendo capaz de refletir naquilo que surge no momento, fazendo do processo, então, um mesclar dos aspectos da existência subjetiva e objetiva. O profissional cuida sempre do conteúdo que surge no processo terapêutico, possibilitando ao cliente, sempre que possível, a abertura do assunto. Esta ocorre desde que não traga maiores sofrimentos ao ser, e ambos, com paciência na direção de novos caminhos, tornam-se mais íntimos explorando o misterioso (CANCELLO, 1991; HYCNER, 1995).

Sendo assim, a psicoterapia é a arte do compreender. Resultados e afeições modificam-se de acordo com o sentido que se dá a um sofrimento ou a um evento. Os acontecimentos são o que são, e o que se faz deles depende do sentido que lhes é dado. Estar no mundo não é ser deste mundo. É preciso sair dos corpos que nos pesam e obstruem o brilho da contemplação que é o propósito da vida humana. Necessita-se estar atento ao que o habita, a única divindade e os psicoterapeutas são seres que sabem se comunicar com a saúde daqueles que sofrem. Portanto, os que cuidam do corpo e das imagens da alma são aqueles que propiciam ao doente condições de busca (LELOUP, 2003).

Nesta reflexão, a principal contradição é a presença da angústia nos elementos subjetivo e objetivo da psicoterapia. O processo de melhoria em psicoterapia solicita grande envolvimento pessoal do terapeuta, assim como se manter na objetividade devida. Dessa maneira, cabe ao terapeuta possuir o essencial de conhecimentos a respeito do humano no geral, não se esquecendo do esforço constante da apreciação da experiência única daquele que se localiza diante de sua presença. Estes aspectos são relevantes para a empatia e para a compreensão com o outro (HYCNER, 1995).

Diante da presença da angústia com que se chega à clínica, Horta (2018) alega que o psicoterapeuta precisa estar atento para acolher o ser que adoece, cliente fragilizado, sem esperanças, sofrido. O profissional não recebe o sintoma, ele acolhe,

demonstra interesse, presença e abertura discreta à pessoa que sofre e encontra-se incapaz de clarificar o sentido. Cuida-se do ser adoecido sem assustá-lo, com responsabilidade e com humildade na tentativa de entender seu processo, recorrendo a outros profissionais quando necessário, compreendendo, assim, qual a manifestação do sofrimento que aparece no cliente, em seu movimento existencial.

De acordo com Bucher (1989), o envolvimento entre pessoa e psicoterapeuta não é um simplesmente ser junto dos outros, ele está relacionado àquela disponibilidade terapêutica a serviço do cliente que utiliza de conhecimentos e de acolhimento para com o outro. Sendo assim, o profissional precisa ter conhecimento da ação psicoterápica no campo da reflexão sobre o ser no mundo, com o mundo e com os outros, entender do campo relativo ao ente (sujeito), no mundo como concreto com conhecimentos e com funções vitais.

Diante desse envolvimento entre as pessoas durante o processo, torna-se possível ao psicoterapeuta articular junto ao cliente mudanças de hábitos para a contemplação da vida enquanto ser de existência. Assim, possibilita-se um cuidado diferenciado quanto às escolhas em relação ao mundo, aos valores que orientam a vida, às imagens que habitam no interior de cada humano e que o direcionam, enfim, reorientá-lo em suas metas e no cuidado com o ser que ficou esquecido (LELOUP, 2003).

Segundo Hycner (1995), a psicoterapia exige do psicoterapeuta enquanto profissional e sujeito. Como sujeito ele é confrontado em suas questões não resolvidas, a partir do enfrentamento com as questões do cliente, sendo forçado a lutar com suas fragilidades. Estas o sensibilizam diante da vulnerabilidade do outro, fazendo-o empático ao sofrimento do cliente. Assim, o terapeuta necessita cuidar de suas angústias, para que não o coloquem em defesa e fechem as possibilidades de um encontro original. O espaço é do cliente, mas o terapeuta pode ressignificar seus conteúdos apesar de não ser o objetivo da terapia. Portanto, é uma luta constante, pois o terapeuta é o instrumento utilizado na terapia e necessita ser cuidado a fim de responder aos ritmos do encontro humano. Ele precisa entender a experiência do cliente e ser capaz de estar em contato, ao mesmo tempo, com a sua própria.

Este humano vive ou sobrevive num mundo com expectativas de momentos melhores, os quais, na realidade de muitos, não se tornam possíveis devido a diversos fatores, tais como problemas com moradia, com saúde, com educação, com

segurança, com falta de emprego, de salário, entre outros que variam de acordo com a necessidade ou com as urgências em particular. Vive-se a era da tecnologia, na qual houve a redução de possíveis distâncias aos amantes e junto o prolongamento da solidão e do isolamento. Avanços maravilhosos nas tecnologias com possibilidades de aumento de vida, ofertas de belezas; mas também os aspectos negativos chegaram junto com a mesma intensidade. Assim, procura-se uma melhor maneira de poder gerenciar tudo isso.

Horta (2018) afirma que, na virada do século, além das comemorações e das idealizações, o ser humano em suas diferentes idades estava cheio de excitação e de ansiedade, tornando-se um robô muitas das vezes inconsciente da situação existencial vivenciada. Há falta de relacionamentos, de convivência, de tempo, de paciência, de discernimento, de esperança e algo mais: as pessoas têm muitos amigos virtuais e falta aquele para um bom relacionamento. Assim, o silêncio continua e persiste o vazio existencial. São estas as pessoas à procura do profissional da Psicologia, porém com medo do diagnóstico médico após terem passado por diferentes exames e sem nenhuma explicação e nem a pílula da possível cura.

Dessa maneira, Leloup (2003) refere-se a um terapeuta que cuida de seres atormentados e com diferentes apegos ao prazer, desorientação quanto ao desejo, às fobias, às tristezas e aos outros sofrimentos. Para ele os psicoterapeutas são filósofos que amam a sabedoria e deverão ser capazes de relacionar cada coisa à sua origem. Além disso, considera que o corpo do existente não é um simples objeto, mas algo dinâmico e com princípio vital. Assim, o terapeuta necessita cuidar deste espírito observando os bloqueios que impedem a circulação da vida, proporcionando, então, ao homem o resgate de sua liberdade ao liberá-lo de suas cegueiras.

Diante desse fenômeno, Canello (1991) relata a busca do cliente por uma solução, no terapeuta, a qual não lhe será correspondida. O terapeuta estará sim presente, numa escuta autêntica quanto à história e à maneira de ser do cliente, mas não com o propósito de oferecer-lhe uma resposta pronta. Ser presença é confiar que o outro se encontre e possa se sustentar no peso do seu sentimento dando-lhe um significado ao penetrar em sua intimidade. O caminhar do terapeuta, experienciando junto ao cliente o seu desvelar, facilitará a construção de sentido das súplicas. No agir existencial, há o transformar-se da direção na história.

Nos relatos e na busca do cliente emocionado, as lembranças que o calam querem seduzir o terapeuta. Precisa-se atentar ao objetivo fenomenológico da clínica que não se parece com o mundo em que se vive, no qual busca e encontra uma resposta que não lhe é satisfatória, a qual refere-se ao mundo externo vivido. O psicoterapeuta está ali com sua presença e sua disponibilidade, numa escuta atenta junto à história e à maneira de ser do cliente; fala-se apenas o fundamental para mantê-lo próximo ao peso do seu sentimento, e, o terapeuta acredita na relação construída entre eles e confia no fato de o cliente encontrar o que busca (CANCELLO, 1991, p.29).

Diante dos fatos, algumas habilidades tornam-se necessárias ao profissional para atuar na psicoterapia e Bucher (1989) refere-se à importância da formação e à personalidade do psicoterapeuta dependendo desta o interesse, as aptidões e as atitudes. Elas são condições essenciais para o psicoterapeuta interessar-se pelo ser humano e pelas ciências do homem; a antropologia, a psicologia, a sociologia e a filosofia poderiam ajudá-lo neste processo da formação e do interessar-se por este homem. Outra condição importante para o profissional é não apenas ser capaz de cuidar desse humano submetido às manifestações psicopatológicas e conflitantes, como também ser hábil em sustentar o confronto e resistir ao impacto.

Também para o autor torna-se necessária a aquisição do autoconhecimento e do autocontrole por meio de uma boa psicoterapia como suporte, a qual permite ao homem conhecer seu interior, seus conflitos e suas inquietudes. Assim, a psicoterapia pode minimizá-los e se preparar para o contato entre os possíveis confrontos e conflitos do cliente. Dessa forma, a formação técnica é indispensável para trabalhar neste campo humano conflituoso dependendo da opção ou da orientação teórica solicitando-se sempre que haja reflexões, participação em grupos de estudos e diferentes atualizações.

Além das condições básicas, deve-se considerar as qualidades psicológicas, tais como utilizar de capacidade intuitiva capaz de entender os conflitos profundos do cliente; discernir-se com o cliente podendo se colocar em seu lugar para sentir e reconhecer a intensidade do sofrimento sem envolver-se; estimular a colaboração do cliente num clima confiável e sereno em oposição ao mal-estar que faz surgir a esperança; centrar-se no campo terapêutico com paciência e com intervenção quando necessário; não se render aos pedidos de respostas do cliente em alívio aos

conflitos, mas direcioná-lo no esforço de busca das suas próprias soluções; fortalecer no cliente sua capacidade e potencialidades de confiança e de conhecimento (BUCHER, 1989).

Desta maneira, segundo Horta (2018), não se sabe nada a respeito deste ser sofrido que nos procura e que está diante de conflitos existenciais sem conhecimento de suas possibilidades. Assim, ela afirma que é preciso estar atento a este ser e acolhê-lo na presença de sua fragilidade, pois não se está à frente de um sintoma e sim de um ser que sofre e, às vezes, nem sabe qual é o sofrimento. Mediante tais relatos, cabe indagar: como se posiciona o psicoterapeuta diante deste homem como um ser de possibilidades? A autora ressalta que toda a formação do psicoterapeuta precisa estar direcionada ao cuidar do ser. Torna-se necessário defronte a este desafio “cuidar-se, refletir, reviver, elaborar, retomar a sua história e seus lutos” (HORTA, 2018 p.124).

Nesse processo de construção, Augras (1996) afirma ser essencial a compreensão e a relação do profissional junto ao cliente, observando, deduzindo e apreendendo o que se manifesta como realidade. Assim, cabe ao psicólogo investir em seus conhecimentos específicos, em situações de encontro, favorecendo não apenas a compreensão das manifestações da intersubjetividade, como também examinando o seu autoconhecimento a fim de perceber os próprios limites e se abrir ao conhecimento do outro. Ora, partindo da percepção de mundo, estabelece-se a convivência do sujeito e do objeto com interdependência. Sujeito e objeto fazem sentido e, dessa maneira, o sujeito apreende o mundo como manifestação, o que comprova sua realidade.

No encontro do cliente consigo, o terapeuta cuida e constrói junto a ele a recuperação da intimidade perdida com possibilidades de uma aproximação dele mesmo. Logo, não compete ao terapeuta o controle dos significados dados pelo cliente à sua própria vida, cabe-lhe confiar em suas ressignificações. Portanto, em psicoterapia, o diálogo é muito diferente de um simples falar, de uma conversa informal. Uma intervenção adequada, no aprisionamento surgido, no momento terapêutico, criará condições para o aflorar do significado libertador (CANCELLO,1991).

Diante do cuidado do terapeuta para com o cliente no revelar-se de seu existir, pode o terapeuta ser ameaçado em seu oculto existencial e tornar-se vulnerável à

fragilidade humana, às suas incertezas e aos seus medos próprios. Esta profundidade é ameaçadora no outro e torna-se também incômoda quando há suspeita na existência do terapeuta, necessitando do confronto para estar presente no encontro com o outro, não apenas respeitando a si e ao outro, como também reconhecendo a relação do entre. Nas aberturas para os encontros genuínos torna-se possível encontrar o inesperado, o mistério existencial entre pessoas; entre abismos está o encontro, e o diálogo é essencial entre humanos (HYCNER, 1995).

No comportamento dialógico genuíno, o terapeuta é visto na atividade do diálogo, rende-se à função do entre e se concentra na ajuda ao cliente com a finalidade de que ele se diferencie ampliando suas possibilidades humanas e indo ao encontro do desconhecido. Neste vai e vem de pessoas, percebe-se o outro como ser único e diferente no surgir da relação mútua, entre terapeuta e cliente; então, aceita-se o outro como ser existencial com as suas possibilidades. Hycner (1995, p.58), refere-se a Buber quando este afirma que o homem é para ser percebido de maneira completa tanto no revelar-se quanto no proteger-se e na relação entre ambos.

De acordo com Hycner (1995), a certificação existencial inicia-se com a aprovação da individualidade e o diálogo genuíno acontece quando as pessoas se respeitam como seres únicos. Portanto, o diálogo é uma situação humana, somos e nos tornamos na relação com capacidade, com desejo de relacionamentos e com respeito. Neste contexto, o terapeuta, para entrar no mundo do cliente, precisa estar presente nele, e a presença é considerada o mistério da permeabilidade da existência, é o estar mais disponível ao outro naquele momento sem mediações ou sem ponderações.

De acordo com Porchat & Barros (2006), ser terapeuta é ser sigilo de fatos e de emoções, mantendo-os em solidão. Eles afirmam que nem as supervisões ou as trocas de ideias com colegas são capazes de eliminar as marcas deixadas pelo cliente. Para eles ser terapeuta é como um artista que vai encontrar a beleza no lixo, nas sucatas, nas coisas velhas e abandonadas para recriar belíssimas esculturas com formas e com movimentos marcantes e significativos. Assim, é participar com respeito e com humildade da vida das pessoas de maneira especial. Além do mais, é na terapia que o homem vai buscar sua harmonia, integrar-se e aproveitar todas as suas criações cuidando de sua humanidade, seu ser único e original.

A psicoterapia existencial procura apreender os fenômenos que fazem parte do humano; ora, não lhe cabe mapear de forma antecipada a leitura de seu cliente. Por isso, quando se ampliam as possibilidades de significados da realidade, espera-se devolver ao cliente o delinear da direção na qual pode e quer ser visto. Possíveis ampliações: se, suas origens, seus fins, objetivos, os outros no mundo, suas adversidades. Tudo isso faz parte da natureza humana. Logo, ao existirmos, buscamos nossa essência, somos o que escolhemos e percebemo-nos como pessoa singular. Enquanto profissionais de psicoterapia existencial, estamos sempre a ela retornando (CANCELLO,1991).

Augras (1996) declara que o cliente permite, ao terapeuta, o compartilhar do seu processo de construção sujeito e objeto, homem e mundo sendo que o diálogo leva à construção do homem e do mundo. Ser no mundo é existir para si e para o mundo com os outros com os quais se confirma a coexistência. Portanto, este ser origina-se de projetos que coexistem com um tempo e permite-lhe projetar e transcender às limitações surgidas de suas tensões internas. Dessa maneira, o homem é de possibilidades e o mundo supõe-lhe a liberdade e, como ser de projetos, é de angústia. Ora, a angústia que antes era apresentada como sentimento estranho faz-se elemento do existir, e a liberdade deixa de ser possibilidade individual para tornar-se integrante da construção do indivíduo.

Diante da permissão do cliente ao terapeuta no compartilhar do seu processo de construção, torna-se necessário ao psicoterapeuta assenhorar-se de suas habilidades, em espelho, com capacidade de ser refletor para o cliente, sem ser modelo. Assim sendo, oportunizar ao cliente se perceber em suas dificuldades, em seus problemas e ser capaz de resolvê-los. Estas habilidades do psicoterapeuta superam a empatia de atitude afetuosa, compreensiva e humana e fazem parte de sua autodisciplina e de sua renúncia ao poder. O psicoterapeuta deve ser humilde e confiar no cliente sua autoridade, ele é o único detentor da solução dos seus conflitos. O trabalho dá-se de forma sistemática e paciente entre os dois participantes do processo numa contínua dialética rumo ao desenrolar do recurso terapêutico libertador para o ser dando-lhe possibilidades de estar no seu mundo (BUCHER, 1989, p.71).

No compartilhar do processo de construção permitido pelo cliente ao terapeuta, Porchat & Barros (2006) afirmam ser o terapeuta especulador de potencial atuando

em diferentes personagens e com singulares papéis. Durante as atuações, os terapeutas também são afetados de diferentes maneiras pelos clientes tornando-se às vezes difícil silenciarem-se diante da ansiedade, uma vez que se faz presente a vida do outro e o terapeuta encontra-se apenas como acompanhante. Assim, torna-se necessária a atenção e a presença do terapeuta à experiência do cliente, segundo Hycner (1995), o qual precisa reter suas inferências por um tempo para entrar no mundo e nos significados do cliente, esvaziando-se, assim, de suas verdades.

Segundo May (1993), a contribuição fundamental da terapia existencial é a sua compreensão do homem como ser, e o que a distingue é o relacionamento com a ontologia, a ciência do ser. Para tal, é importante ao terapeuta existencial o interesse pela pessoa contida em seu mundo particular, pois conhecer significa conhecer no contexto do mesmo mundo. Compreende-se por mundo um sistema de relacionamentos importantes no qual a pessoa existe e dele participa. Também pertencem ao mundo: os acontecimentos existenciais e diversas influências operantes. Bucher (1989) cita May ao dizer que a fenomenologia tem por objetivo redescobrir o homem no seu afastamento e desumanização da sociedade, através de uma busca de sentido, em seu mais íntimo e em suas vivências.

Compartilhando desta reflexão, Porchat & Barros (2006) referem-se à necessidade de uns precisarem dos outros, não só as pessoas ou os clientes, mas até mesmo aquele que não esteja no momento presente fisicamente. Somos seres de relação e nos desenvolvemos com o outro. Com o outro se cria o mundo e a terapia é um mundo diferente se construindo no processo, o mundo do princípio vital, do meu, do seu, o do outro, enfim, o nosso na relação que se estabelece. Somos seres solidários e no processo terapêutico contribuimos uns com os outros no movimento do crescimento. Horta (2018) também ressalta essa construção da pessoa, do seu jeito de ser no mundo, desde a infância com o início na família e, aos poucos, adapta-se ao social.

4. CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada para a escrita deste artigo, perceberam-se alguns dos pré-requisitos procedimentais, epistemológicos e científicos necessários para um psicoterapeuta em fenomenologia existencial. Buscou-se, por meio da pesquisa bibliográfica realizada, um trabalho de estudos e de reflexões na expectativa de percebê-los e de também compreendê-los. A Psicoterapia Fenomenológico-Existencial surgiu com o propósito não apenas de compreender a existência do ser em seus diferentes relacionamentos com o mundo, mas também de cuidar do sofrimento que aparece.

Do ponto de vista do existencialismo, o homem se constitui com uma natureza universal que se manifesta no mundo e a sua realidade deriva de suas ações que geram mudanças e transformações. Assim, este ser é de abertura, sempre em busca de significados e em questionamentos.

No conceber da fenomenologia, o homem é compreendido a partir da essência dos fenômenos vividos. Para ela é importante o refletir sobre o real sentido da intencionalidade dos fenômenos. Este homem, no olhar fenomenológico, é um ser de relações e o mundo é o todo dessas relações significativas, as quais são alcançadas pelo diálogo entre eles, o que se constitui em um mistério. Assim, a pesquisa mostrou que a fundamentação para uma psicoterapia fenomenológico-existencial é refletir a respeito do ser enquanto relacional e, também, enquanto ser-no-mundo e com os outros.

Considerando o homem no aspecto existencial e fenomenológico, o terapeuta propõe, com o seu diferencial, alcançar o fenômeno humano no seu tempo e no sentido que lhe é dado. Ele, numa postura fenomenológica de encontro, percebe o ser como único e numa relação que não se repete; assim, cuida deste humano a partir dele mesmo. O movimento que surge da relação, no encontro, é o diferencial do psicoterapeuta que se apresenta disponível para o outro e a seu serviço.

Portanto, a Fenomenologia como um método reflexivo que busca descrever o fenômeno que se mostra em sua completude, direciona-se a uma escuta autêntica e acolhedora ao homem e ao sofrimento que ele carrega. Assim, observou-se que o profissional se torna o facilitador do processo, possibilitando ao cliente o seu ressignificar, lidando com sua liberdade nas escolhas e responsabilizando-se por elas.

Desse movimento relacional entre terapeuta e cliente advém a possibilidade do conhecer-se, o desapegar-se das dificuldades abrindo novos horizontes à vida, desvelando-se, então, os significados dos fenômenos antes escondidos.

O estudo mostrou-nos o diferencial do terapeuta na fenomenologia existencial em sua percepção no cuidar do outro como sujeito e atribuir-lhe a competência do encontro como o definir-se em seu caminho de preferências. Logo, constatou-se que a perspectiva fenomenológica acredita que quanto maior o envolvimento subjetivo do cliente consigo mesmo, melhor será a sua relação terapêutica. Cabe aos participantes no processo do encontro estarem juntos no presente e disporem da ressignificação do passado com possibilidades a um futuro.

Essa reunião de ideias apontadas remeteu a algumas das habilidades do profissional enquanto terapeuta da fenomenologia existencial propiciando-o assistir aquele que busca por se encontrar com a existência obscurecida. Verificou-se que a pessoa se constrói desde a infância e que, em determinados momentos, perde-se e procura a presença do terapeuta, para juntos, revisitarem questões particulares desse paciente. Com isso, pode-se direcionar-se o cliente a alternativas com qualidades e sem culpabilidades.

Pôde-se verificar que os profissionais da psicoterapia possuem habilidades em comunicar-se com aquele que sofre, acolhem-no por terem interesse por esse ser. Esses profissionais trabalham com uma abertura discreta às questões e à elucidação do sentido do fenômeno, além de proporem tratamento em equipe interdisciplinar quando necessário. Os estudos deixaram clara a necessidade do psicoterapeuta de possuir habilidades de envolvimento ou de disponibilidade no serviço ao outro, por intermédio do qual procura compreender o ser em seu mundo concreto com capacidades e funções vitais.

A pesquisa demonstrou que, além de profissional, o psicoterapeuta também é sujeito e, como sujeito, fica passível de ser confrontado em suas questões não resolvidas quando no confronto com as questões do cliente, deixando-o exposto e lutando com suas fragilidades; este movimento transforma-o em empático diante do sofrimento do cliente. São identificadas grandes mudanças na atualidade e cabe ao psicoterapeuta usufruir de suas habilidades, da fidelidade à sabedoria e da capacidade de relacionar cada coisa à sua origem a fim de cuidar dos seres atormentados, fóbicos e solitários no vazio existencial.

Os estudos salientaram que o cliente, diante das mudanças e de suas angústias, solicita do terapeuta uma resposta para o sofrimento, mas o profissional não se deixará seduzir, oferecendo-lhe uma resposta; confiará nas possibilidades de o outro se encontrar e se sustentar no peso do sofrimento, oferecendo-lhe a presença, a disponibilidade, a escuta autêntica à sua história e à sua maneira de ser.

Enfim, os estudos e reflexões trouxeram estes e muitos outros grandes ensinamentos, os quais, devido à sua importância e em razão da abrangência do tema, continuam em aberto para muitas outras pesquisas, estudos, reflexões, para todo profissional, principalmente ao psicoterapeuta, que está sempre em contato com o ser humano de abertura, e, em constante movimento do seu existir. O ser humano na perspectiva fenomenológico-existencial é um ser de possibilidades e em construção, o qual solicita do psicoterapeuta maneiras diferenciadas de pensar, de olhar, de compreender, de escutar, de acolher e de estar presente. Além disso, todos os acontecimentos da vida são belos e valem a pena de serem vividos, mas isto não significa que este belo não possa se tornar complexo; sendo assim, a vida também é bela e quando não é compreendida pode-se tornar complexa...

5. REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao existencialismo**; tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Dialética), 2006.
- AUGRAS, Monique. **O Ser da Compreensão**: Fenomenologia da situação de Psicodiagnóstico. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu** pdf tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 3ª reimpressão. São Paulo, 2009.
- BUCHER, Richard. **A Psicoterapia pela Fala**: fundamentos, princípios, questionamentos. São Paulo, EPU, 1989.
- CANCELLO, Luiz A.G. **O fio das palavras**: um estudo de psicoterapia existencial. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial; 1991.
- CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia & Ciências Humanas**. Rio de Janeiro-R.J. Âmbito Cultural Edições Ltda, 1987.
- DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida – São Paulo: Centauro, 2005.
- ERTHAL, Tereza Cristina S. **Treinamento em Psicoterapia Vivencial**. Petrópolis, R.J: Vozes, 1995.
- FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo de. **A escuta e a fala em psicoterapia**: uma proposta fenomenológico-existencial. 2ª ed. Rio de Janeiro – IFEN, 2010.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia fenomenológico-existencial**: fundamentos filosófico-antropológicos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- HORTA, S. S. Depressão: Um mal do ser humano...em todos os tempos. In: GIOVANETTI, J. P. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia Clínica**. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2018. P. 115-133
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. Tradução Elisa Plass Z. Gomes, Enila Chagas, Márcia Portela. São Paulo:Summus Editorial, 1995.
- LELOUP, Jean-Yves. **Cuidar do ser**: Fílon e os terapeutas de Alexandria. 8ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- MAY, Rollo. **A Descoberta do Ser**: Estudos sobre a psicoterapia Existencial. Tradução de Cláudio G. Somogyi. Rio de Janeiro – Rocco, 1993.

PORCHAT, Ieda; BARROS, Paulo. **Ser terapeuta: depoimentos** / Ieda Porchat, Paulo Barros (organizadores). 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2006

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**/ apresentação e notas, Arlete Elkaim-Sartre, tradução de João Batista Kreuch. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.